

OS MUSEUS E A BUSCA DE NOVOS HORIZONTES¹

Maria Célia Teixeira Moura Santos²

Introdução

O meu contentamento foi grande ao receber o convite para proferir esta palestra de abertura no III Fórum de Profissionais de Reservas Técnicas de Museus, organizado pelo COFEM e pelo COREM-BA. A minha satisfação deve-se, especialmente, a três aspectos que quero ressaltar: o primeiro diz respeito à iniciativa dos Conselhos Federal e Regional de Museologia em realizar este evento, retomando, apesar das dificuldades encontradas na atual conjuntura, o exercício da reflexão, da discussão de temas e problemas que são fundamentais para o desenvolvimento dos museus e da Museologia. Por outro lado, essa iniciativa também demonstra que esses órgãos não estão preocupados somente com as ações burocráticas de fiscalização do exercício da profissão, o que considero salutar. Portanto, com alegria, parablenzo-os pela realização deste encontro, desejando que durante estes quatro dias possamos realizar uma troca efetiva.

O segundo aspecto relacionado à minha satisfação com o convite é que, pela primeira vez, fui convidada para proferir uma palestra em um encontro no qual serão discutidos temas relacionados com a preservação, especificamente das reservas técnicas. Após o susto com o impacto do convite, causado, talvez, pela atuação da maioria dos museus, em compartimentos estanques, passei a considerá-lo como um desafio, um estímulo para aprofundar alguns aspectos que venho refletindo ao longo dos últimos oito anos, dentre os quais, destaco a necessidade de pensar o museu e as ações museológicas a partir de uma rede de interação, a ser estabelecida no interior do museu e fora dele, evitando, assim, a

¹ Texto a ser apresentado no III Fórum de Profissionais de Reservas Técnicas de Museus, a ser realizado em Salvador-BA, no período de 18 a 22 de novembro de 2002, organizado pelos Conselho Federal de Museologia – COFEM e Conselho Regional de Museologia, 1ª. Região – COREM-BA.

² Maria Célia Teixeira Moura Santos é Profa. Aposentada da Universidade Federal da Bahia – Curso de Museologia, Museóloga, Mestre e Doutora em Educação. Atualmente, ministra aulas nos Cursos de Especialização em Museologia do MAE/USP e do Museu Antropológico da Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal de Goiás, bem como no Mestrado em Museologia Social da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa-Portugal. É consultora do Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá – IEPA, para a área da Museologia (Museu Sacaca do Desenvolvimento Sustentável). Tem vários livros e artigos publicados, com enfoque nas áreas da Museologia e da Educação.

compartimentalização e a aplicação da técnica pela técnica. Este é, pois, mais um motivo de satisfação por estar aqui com vocês.

O último aspecto é de ordem afetiva, porém não o considero menos relevante, é que nos últimos três anos estive afastada de Salvador, desenvolvendo ações museológicas em outras “paragens” e, neste encontro, espero, não só matar a saudade de colegas daqui e de fora como retomar o convívio salutar com colegas, alunos e ex-alunos do Curso de Museologia, dos quais, infelizmente, não sei se por força da minha aposentadoria ou se pela própria dinâmica da vida, tem havido um involuntário distanciamento. Este é, portanto, para mim, um momento feliz de reencontro.

Para abordagem do tema, optei por realizar uma reflexão a partir da concretude do agora, ou seja, da análise da minha experiência, considerando que esta tem-se dado em relação com os diversos sujeitos sociais com quem tenho atuado, ao longo dos anos, aplicando ações museológicas, no interior do museu e fora dele. Espero, pois, apontar para novas possibilidades, novos horizontes, no sentido de construir e reconstruir a Museologia e os museus a cada dia, evitando pensar o futuro como algo distante e inatingível, ou, talvez, como descompromisso, transferindo para outros as possibilidades que temos de, em nossa inserção no mundo, nos tornar seres históricos, éticos, capazes de optar, de decidir e de romper. É, pois, compreendendo que a Museologia e o museu são resultado das nossas ações, em um determinado tempo histórico, que posso pensar o futuro que será construído a partir do agora, ou seja, é acreditando na relação dialética, em que mundo e consciência se dão ao mesmo tempo, que construo e reconstruo a ação museológica, que se dá no presente e poderá indicar possibilidades futuras.

Ressalto, também, que a busca de novos horizontes não está sendo aqui compreendida de forma romântica como algo melhor do que o presente, mas como a possibilidade de, a partir da ação-reflexão, produzir um conhecimento que será apropriado por outros atores sociais, estimulando novas utopias, novo olhar crítico sobre os museus e sobre a Museologia, podendo contribuir, também, para que cada homem ou mulher possa ter uma consciência crítica de sua presença no mundo.

Nos itens apresentados para a discussão do tema, faço, inicialmente, uma análise da ação museológica e da sua aplicação, como ação interativa, a partir do processo de argumentação estabelecido no interior do museu e fora dele, com o objetivo de explicitar as concepções de museu e de Museologia que embasaram os processos museológicos desenvolvidos nos dois estudos de caso, que serão apresentados, posteriormente, os quais foram desenvolvidos em dois contextos distintos. Identifico, em seguida, possibilidades que podem ser apontadas para a Museologia e para a atuação dos museus a partir da análise da aplicação da ação museal registrada nos dois estudos de caso, possibilidades essas que poderão, ou não, dependendo do olhar de cada um de vocês, ser consideradas como “novos horizontes”.

Reflexões sobre as Ações Museológicas: embasamento para desenvolvimento do tema³

Considero que o patrimônio cultural é o referencial básico para o desenvolvimento das ações museológicas. Os processos museais gestados, ao longo dos anos, contribuíram, de modo efetivo, para a ampliação do seu conceito, na medida em que, para sua aplicação, o patrimônio cultural é compreendido como a relação do homem com o meio, ou seja, o real, na sua totalidade: material, imaterial, natural e cultural, em suas dimensões de tempo e de espaço. Conseqüentemente, os bens culturais a serem musealizados também foram ampliados. Nesse sentido, as ações museológicas não são processadas somente a partir dos objetos, das coleções, mas tendo como referencial o *patrimônio global*, na dinâmica da vida, tornando assim necessária uma ampla revisão dos métodos a serem aplicados nas ações de *pesquisa, preservação e comunicação*, nos diferentes contextos.

Por outro lado, a ampliação do conceito de patrimônio está relacionada, também, à criação de novas categorias de museus, como ecomuseu, museu comunitário, museu de vizinhança, etc. Essas novas categorias de museus, abertas a uma população e a um território, contribuíram, também, para que as ações museológicas pudessem ser processadas fora do espaço restrito do museu, abrindo, assim, amplas possibilidades para a realização de novos processos de musealização. Do ponto de vista metodológico, foi um vetor a incentivar a busca de soluções criativas, bem como para avaliar as práticas museológicas aplicadas em outras categorias de museus.

O fazer museológico é compreendido, então, como um processo, caracterizado pela aplicação das ações de pesquisa, preservação e comunicação, conforme explicitado a seguir:

- a atividade de *pesquisa* tem como objetivo a construção do conhecimento, tomando como referencial o cotidiano, qualificado como patrimônio cultural, ou seja, observação, análise e interpretação da realidade, qualificada como patrimônio cultural. Esse conhecimento é construído na ação museal e para a ação museal, em interação com os diversos grupos envolvidos. Não se trata, da pesquisa que se esgota na mera descrição e análise dos objetos. A pesquisa alimenta todas as ações museológicas, em processo.
- na ação de *preservação* são destacadas as seguintes etapas:

³ Parte das reflexões apresentadas neste item está contida no texto de minha autoria, intitulado Museu e Educação: conceitos e métodos, publicado na revista Ciências e Letras. - n. 31 (jan./jun.2002) – Porto alegre: Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras, 2002. Optei por reapresentá-las, no presente texto, com o objetivo de, a partir das questões teórico-metodológicas da Museologia, por mim já comentadas no referido artigo, realizar uma análise da sua aplicação nos estudos de caso que serão aqui apresentados. Considero que a contribuição mais significativa que posso trazer para o debate do tema, que estamos discutindo no presente seminário, será a análise do processo museal, a partir das concepções de museu e de Museologia adotados, levantando as possíveis contribuições para a construção do conhecimento na área da Museologia e para a atuação dos museus na sociedade.

Coleta - o acervo é o conjunto dos bens dinâmicos, em transformação em uma comunidade, e não somente uma coleção. Trabalha-se com o acervo institucional, ou seja: materiais arquivísticos e iconográficos, plantas, maquetes, depoimentos testemunhos, etc., e com o acervo operacional: as áreas do tecido urbano socialmente apropriadas como paisagens, estruturas, monumentos, equipamentos, as técnicas do saber e do saber fazer, com os artefatos, com o meio rural, etc.

Classificação e Registro – o processo documental não se limita ao registro do acervo. Busca-se, por meio da cultura qualificada, produzir conhecimento, elaborado no processo educativo, realizando ações de pesquisa. Há uma documentação dos dados coletados, que são sistematizados, de acordo com as características das diversas realidades que estão sendo musealizadas, formando o banco de dados do museu, referente à realidade local, a partir das ações de pesquisa, por meio da ação interativa entre os técnicos e os grupos envolvidos. Busca-se a qualificação da cultura, da análise e compreensão do patrimônio cultural na sua dinâmica real e não somente a seleção de determinados aspectos para armazenamento e conservação. O banco de dados é o referencial básico de informação, aberto à comunidade, e que deve ser alimentado, constantemente, pelos diversos processos em andamento no museu.

Os instrumentos utilizados na documentação são criados e adaptados a cada realidade, discutidos com os diversos grupos envolvidos na ação museológica e absorvidos pelos mesmos, para a sua aplicação. O processamento do conhecimento produzido e sua inclusão no banco de dados dão-se com a participação dos componentes do museu. Ao mesmo tempo em que os técnicos participam da elaboração dos instrumentos de coleta de dados, estabelece-se um processo dialógico no qual o museólogo e os demais grupos envolvidos são enriquecidos, tanto na fase do planejamento como na da execução, havendo, também, um aumento da auto-estima de todos quando o produto do seu trabalho é utilizado para a compreensão da realidade e para a construção de um novo conhecimento, atingindo, assim, os objetivos propostos na ação documental.

Conservação - busca-se a formação de atitudes preservacionistas. Estabelece-se um processo no sentido de compreender os objetivos da preservação, no fazer cotidiano das pessoas. A conservação é, então, um processo de reflexão para uma ação que se dá em um contexto social e não somente a aplicação de técnicas em determinados acervos. Esforços são concentrados na busca da sensibilização e na formação de conservadores, na própria população, a partir de suas aptidões e atitudes.

- quanto à *comunicação*, não está restrita ao processo de montagem das exposições. A exposição é parte integrante do processo museológico, mas é importante registrar que sempre fica uma distância entre o material “*inerte*” que é exposto e o processo vital que lhe deu origem. Ao contrário do procedimento mais usual dos museus, em que a exposição é o ponto de partida no sentido de estabelecer uma interação com o público, na ação museológica aqui proposta, a exposição é, ao mesmo tempo, produto de um trabalho interativo, rico, cheio de vitalidade, de afetividade, de criatividade e de reflexão, que dá origem ao conhecimento que está sendo exposto e a uma ação

dialógica de reflexão, estabelecida no processo que antecedeu a exposição e durante a montagem, além de ser ponto de partida para outra ação de comunicação.

As demais ações museológicas de pesquisa e de preservação, já analisadas anteriormente, também são um processo de comunicação, uma vez que são gestadas por meio de um processo constante de interação em uma ação pautada no diálogo, levando-se em consideração as características dos grupos envolvidos e as diversas maneiras de estar no mundo e de se expressar, por meio de diferentes linguagens. É interessante ressaltar que as ações museológicas de *pesquisa*, *preservação* e *comunicação* estão integradas entre si, aos objetivos dos diferentes projetos e às características dos diversos grupos sociais, em um processo constante de revisão, de adaptação e de renovação.

É necessário salientar que, como processo, as ações museológicas não podem esgotar-se em si mesmas, na mera aplicação da técnica pela técnica. Portanto, para que a Museologia seja aplicada, com o objetivo de atingir, por meio da interpretação e uso do patrimônio cultural, a inclusão social e o exercício da cidadania, é necessário que seja aplicada com competência formal e política, ou seja, **é necessário desenvolver a face educativa da Museologia**. O processo museológico é compreendido como ação que se transforma, que é resultado da ação e da reflexão dos sujeitos sociais, em determinado contexto, passível de ser repensado, modificado e adaptado em interação, contribuindo para a construção e reconstrução do mundo. Daí, o sentido de associarmos o termo processo às ações de musealização, compreendido como uma seqüência de estados de um sistema que se transforma, por meio do questionamento reconstrutivo, e que, ao transformar-se, transforma o sujeito e o mundo. A utilização do termo processo permite atribuir, portanto, as dimensões social e educativa à Museologia.

Compreender a ação museológica como ação educativa significa, portanto, caracterizá-la como ação de comunicação, porque é buscando as interfaces das ações de *pesquisa*, *preservação* e *comunicação* que conseguimos nos distanciar da compartimentalização das disciplinas. A interação com os nossos pares e com os demais sujeitos sociais envolvidos nos diversos projetos, nos quais estejamos atuando, tornará possível estabelecer metas e objetivos que não se esgotam na aplicação da técnica, isolada, descontextualizada, evitando, assim, a dissociação entre os meios e o fim. Portanto, considero que o processo museológico é um processo educativo e de comunicação, capaz de contribuir para que o cidadão possa ver a realidade e expressar essa realidade, qualificada como patrimônio cultural, expressar-se e transformar a realidade. Nesse sentido, o processo museológico é ação educativa e de comunicação. Assim, definimos o *fato museal* como:

a qualificação da cultura em um processo interativo de ações de pesquisa, preservação e comunicação, objetivando a construção de uma nova prática social.

Portanto, considero que o trabalho dos museus com a comunidade, ou seja, com os grupos com os quais estejamos realizando projetos, em relação, construindo na troca, no respeito mútuo, é o resultado das concepções de Museu e de Museologia que adotamos. *Pesquisa*, *preservação* e *comunicação*, em interação, questionadas e problematizadas, deverão ser,

pois, os vetores no sentido de se produzir conhecimento, assumindo o compromisso de contribuir com a construção de uma sociedade ética, mais equitativa e solidária.

Estudos de casos: aplicação da ação museológica interativa

Nos dois estudos de caso que apresentarei, a seguir, vou-me limitar a analisar a aplicação do processo museológico, salientando que este não foi desenvolvido de forma mecânica, mas tendo como referencial básico as diversas realidades, dos diferentes contextos. Portanto, não é meu objetivo apresentar, nesta palestra, os resultados alcançados, de uma forma mais ampla, mesmo porque não tínhamos o tempo necessário.

- *Ações museológicas no Colégio Estadual Governador Lomanto Júnior: o Museu Didático-Comunitário de Itapuã*⁴

Compreendendo que não podemos dissociar a atuação do professor universitário de uma prática efetiva na comunidade, e acreditando que essa prática só se concretiza no momento em que professor, aluno e grupos comunitários passam a atuar de forma integrada e participativa, questionando, construindo e analisando conjuntamente, buscamos desenvolver uma tese de doutorado, que permitisse a realização de uma atuação integrada entre o Curso de Museologia, Doutorado em Educação da Universidade Federal da Bahia-UFBA, Secretaria de Educação do Estado da Bahia-Instituto Anísio Teixeira, 1º e 2º Graus do Colégio Estadual Governador Lomanto Júnior e os moradores do Bairro de Itapuã, em Salvador-Bahia-Brasil, buscando a apropriação e reapropriação do patrimônio cultural, visando ao exercício da cidadania e à construção de uma nova prática social.

Como resultado da interação entre os técnicos e os demais sujeitos sociais envolvidos no processo, foi possível, por meio dos diversos programas desenvolvidos, “culturalizar” alguns aspectos das muitas realidades do bairro e da Escola, ampliando as suas dimensões de valor, de consciência e de sentido. Da ação integrada entre os vários níveis de ensino, ou sejam, 1º, 2º e 3º Graus e Pós-Graduação, foi realizada de uma ação museológica de cunho educativo e uma ação educativa integrada ao processo museológico, obtendo-se, como resultado, a implantação de um Museu Didático-Comunitário, em permanente construção.

Resumidamente, apresentamos, a seguir, a concepção, a organização e a gestão do Museu Didático-Comunitário de Itapuã – MDCl, em que a musealização do fazer cultural se deu de forma participativa, com a atuação de alunos, professores e moradores locais, desenvolvendo ações de pesquisa, preservação e comunicação, sendo essa musealização compreendida como uma ação educativa e de interação, produzindo conhecimento a partir das reflexões sobre o patrimônio cultural local.

⁴ Esta experiência foi descrita, em detalhes, apresentando os resultados alcançados, em minha tese de doutorado, intitulada: *Processo Museológico e Educação: construindo um museu didático-comunitário*, em Itapuã e publicada pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa-Portugal.

· **Concepção, Organização e Gestão do Museu**

Os programas foram desenvolvidos com a participação de alunos, professores, funcionários do Colégio Estadual Governador Lomanto Júnior, técnicos do Instituto Anísio Teixeira, alunos e professores do Curso de Museologia da UFBA e de moradores locais. Foram realizadas atividades de **pesquisa, preservação e comunicação**, integradas às atividades das diversas disciplinas do 1º e 2º Graus.

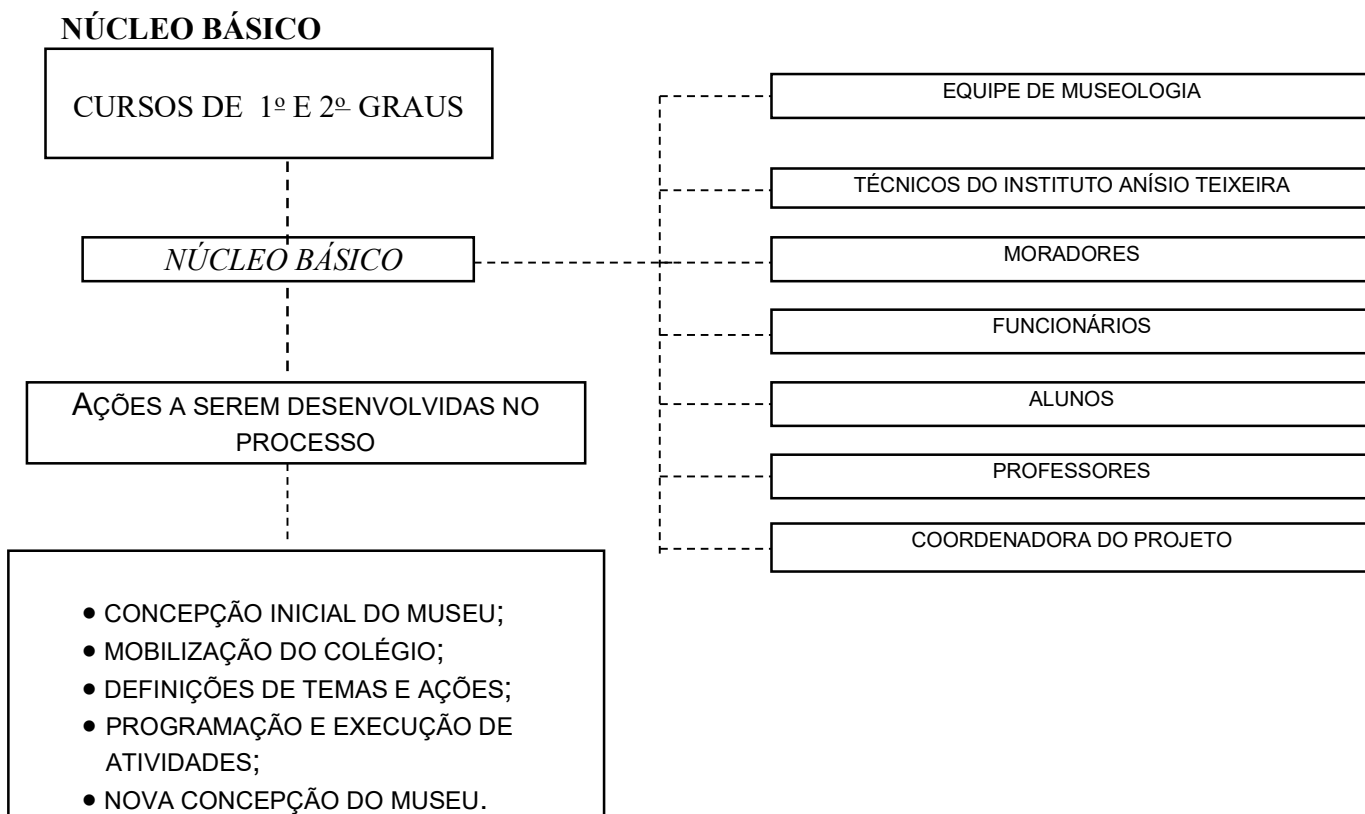
A ação museológica no MDCI foi desenvolvida com dois tipos de acervo:

INSTITUCIONAL - materiais arquivísticos e iconográficos: fotos, plantas, audiovisuais, maquetes, depoimentos e testemunhos, documentação urbana e sobre a história do Colégio, considerando toda a produção cultural relacionada ao universo do cotidiano e do trabalho.

OPERACIONAL - áreas do espaço urbano: paisagens, estruturas, monumentos, equipamentos, etc.

A pesquisa foi o suporte essencial para o desenvolvimento das ações museológicas. Do processo de construção do conhecimento, em vários níveis de ensino, é que foi sendo constituído o acervo.

A interação entre o *processo museológico* e o *processo educativo* permitiu a organização de um grupo de trabalho cooperativo, responsável pela gestão e organização do museu, que teve como base a estrutura do seguinte Núcleo Básico:



No curso da gestão, foi-se delineando a estrutura do Museu. À medida que o grupo foi-se ampliando, a Coordenação e os demais componentes sentiram a necessidade de definir atribuições e de designar pessoas, de acordo com as suas características e as motivações de cada um para o desempenho das diversas atividades. Os Setores foram sendo estruturados no decorrer das atividades museológicas, de acordo com o desenvolvimento das programações. O funcionamento dos mesmos possibilitou o andamento dos trabalhos, com organização, evitando-se o acúmulo de tarefas que envolvessem todos os componentes do Núcleo, além de tornar possível atingir as metas determinadas pelo Núcleo Básico, com mais facilidade. Foram, então, estruturados os seguintes Setores:

Coordenação;

Documentação;

Comunidade;

1º 2º Graus;

Conservação;

Exposição e Programação Visual.

O Núcleo Básico foi de extrema importância no sentido de reunir as pessoas, de integrá-las, de possibilitar a divulgação das diversas ações, tornando-as enriquecidas por meio da colaboração dos membros dos diversos Setores. Saliêntamos também a sua importância no sentido de desenvolver atitudes de respeito às idéias do outro, de ser o espaço onde os problemas, as dificuldades e as divergências eram colocados em evidência de uma forma aberta, sincera, tornando o ambiente bastante saudável, evitando os ressentimentos, favorecendo a amizade, a descontração e possibilitando aos componentes avaliarem a si próprios e aos demais componentes do grupo. É necessário ressaltar, entretanto, que as divergências, os conflitos, estavam presentes, e, às vezes, não eram resolvidas com facilidade. O que consideramos importante é a atitude de sinceridade, de maturidade em enfrentá-los, quando aprendemos, reciprocamente, tentar superá-los, sem camuflagens. A liderança da Coordenação nesse momento era de fundamental importância no sentido de identificar os problemas e de se colocar, abertamente, em relação aos mesmos, incentivando o grupo para que tivesse a mesma atitude.

Destacamos, também, que a atuação participativa no Núcleo Básico contribuiu para o aumento da auto-estima dos componentes, pois se sentiram valorizados, ao verem suas opiniões serem aceitas, respeitadas, com todos colaborando efetivamente para o andamento dos trabalhos, sentindo-se, realmente, colaboradores ativos, co-autores, nas diversas ações. Essa auto-estima também era evidenciada quando os componentes participavam de atividades, no Colégio ou fora dele, com o objetivo de apresentar os trabalhos desenvolvidos no MDCl, oportunidade em que se percebia a satisfação, o orgulho, de estarem construindo o Museu do Colégio no Bairro de Itapuã.

Identificamos, portanto, na organização deste Museu, o Núcleo Básico como o ponto de referência, o núcleo central, no sentido de democratizar a gestão, de possibilitar a construção conjunta do MDCl. O Núcleo estruturou-se, cresceu e fortificou-se, no concreto das ações. Destacamos que a metodologia adotada privilegiava a interação, a participação,

contribuindo efetivamente para que todos os membros envolvidos se tornassem participantes ativos na gestão e organização do Museu.

A gestão e a organização do MDCI foram alimentadas, em todo o processo, pela concepção inicial. Nesse sentido, destacamos o poder realizador da teoria, tornando real os conceitos, ao passar do universo simbólico, que os concebeu, ao fazer cotidiano dos participantes. Construímos um processo museológico que motivou a existência de um Museu Didático-Comunitário. Este Museu é o resultado dos avanços da construção do conhecimento na Museologia em vários momentos históricos.

· **Ações museológicas com os diversos níveis de ensino**

O cotidiano da Escola e do bairro, qualificado como patrimônio cultural, foi o objeto de pesquisa, o vetor de todas as ações desenvolvidas em interação com alunos, professores e moradores locais. As ações museológicas de pesquisa, preservação e comunicação foram desenvolvidas pelos componentes dos diversos Setores do Museu, a partir do planejamento realizado nas diversas disciplinas, relacionando os conteúdos programáticos das mesmas aos temas escolhidos pelos vários segmentos envolvidos. As programações foram desenvolvidas na carga horária destinada às diversas disciplinas, envolvendo os moradores locais, funcionários do Colégio e instituições do bairro. Foram trabalhados os seguintes temas:

A História do Colégio Estadual Governador Lomanto Júnior;
O Bairro de Itapuã; A Lagoa do Abaeté;
A Preservação, na Escola e no Bairro;
Preservação, Qualidade de Vida e Cidadania;
O Jovem no Brasil de 500 anos.

O que se buscou, em todos os momentos, foi uma análise e interpretação da realidade, ou das muitas realidades, a partir dos pontos de interesse dos diversos segmentos envolvidos, produzindo, através da pesquisa, um conhecimento que foi apropriado e reapropriado pelos sujeitos envolvidos nas diversas programações. O processo de compreensão, de qualificação do fazer cotidiano, considerado como patrimônio cultural, foi se dando ao longo do caminhar, no desenvolvimento da pesquisa.

Por meio da ação interativa e da reflexão, tomando como referencial a observação e a análise da realidade, conseguiu-se culturalizar aspectos da realidade local, em interação com outras realidades. Nesse fazer museológico, pesquisa e comunicação não se dissociaram, integraram-se, construindo *conhecimento*, com base no diálogo, em contextos interativos.

As ações de pesquisa também permitiram a aproximação entre técnicos, alunos de 1º e 2º Graus, estudantes de Museologia, professores e moradores locais. Por seu intermédio foi possível construir conhecimento, tomando como referencial o cotidiano, qualificado como patrimônio cultural. Este conhecimento, portanto, foi sendo construído na ação museal e para a ação museal, objetivando a construção de uma nova prática social no fazer cotidiano da Escola e em interação com os moradores locais.

Este museu não está centrado na coleção. Tem a pesquisa como suporte essencial para o desenvolvimento das ações museológicas. Do processo de construção do conhecimento em vários níveis é que se deu a constituição do acervo.

- *MUSEU SACACA DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: um museu em movimento*⁵

O Museu Sacaca do Desenvolvimento Sustentável está localizado na cidade de Macapá, no Estado do Amapá, região Norte do Brasil. O Estado do Amapá é, hoje, um campo fértil para a atuação desse complexo museológico, que produz conhecimento, compreendido como um processo educativo, no sentido de formar cidadãos críticos e aptos a exercerem a sua cidadania, tendo como suporte a sua identidade cultural.

Em dezembro de 1991, foi criado, em Macapá, o *Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá – IEPA*, funcionando com dois centros de pesquisa: de Plantas Medicinais e o Zoobotânico, tendo sido, também, incorporados ao referido Instituto, os Museus de História Natural Costa Lima e o Museu de Plantas Medicinais Waldemiro Gomes.

Em 1995, os museus incorporados ao IEPA são fechados, para reestruturação das exposições, tendo sido reabertos, em 1997, com a denominação de MUSEU DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL. Durante o período de reforma do Museu, a equipe dedicou-se à discussão do projeto de montagem da nova exposição e, enquanto isso, concentrou seus esforços na realização de exposições itinerantes, apresentadas em escolas, feiras agropecuárias – realizadas no Estado, anualmente –, e em outras instituições da comunidade.

Em 20 de setembro de 1999, pelo Decreto nº 2396 do Governo do Estado do Amapá, o Museu passou a ser denominado MUSEU SACACA DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL, em homenagem ao Sr. Raimundo dos Santos Souza, o *Sacaca*, considerando a sua contribuição para a população amapaense, por seu trabalho na área da medicina natural e por ser um grande representante das tradições culturais do Estado do Amapá. Sacaca é um referencial marcante no imaginário da população de Macapá e de todo o Estado.

Em abril de 2002, foi inaugurada uma grande Exposição a Céu Aberto, apresentando temas relacionados aos aspectos culturais, históricos e sociais do Estado do Amapá e da região Amazônica. A sua idealização foi o resultado das inquietações dos técnicos, no sentido de buscar mecanismos de elaboração de uma exposição interativa, que envolvesse a comunidade no seu processo de construção, discutisse a realidade amazônica e se transformasse em um ponto turístico e de lazer para a comunidade amapaense, devendo,

O presente texto foi discutido e aprovado pela equipe técnica do Museu.

também, divulgar os projetos de pesquisas do IEPA, difundindo os conhecimentos produzidos sobre a utilização dos recursos naturais renováveis.

Outro aspecto, que também pode ser apontado como motivação para elaboração do projeto da referida exposição, foi a grande participação da comunidade local nas diversas exposições temporárias apresentadas no Museu, após a sua reestruturação, que tinham como objetivo trabalhar temas relacionados às culturas locais e, em especial, a reconstituição da Casa do Caboclo Ribeirinho, montada em 1996. O impacto causado no público, principalmente na comunidade escolar, motivou o Governo do Estado e os técnicos do Museu para a execução do projeto.

A montagem da Exposição a Céu Aberto, aliada ao processo de avaliação constante adotado pela equipe do Museu, sob a atual Coordenação, tem permitido identificar e analisar alguns pontos críticos da instituição, dentre os quais foi constatada a inexistência de um Projeto Museológico. Para sanar essa deficiência, foi contratada uma consultoria na área da Museologia, que, após elaboração de um diagnóstico, construído com a participação da equipe do Museu, gerou uma proposta museológica para a reestruturação do Museu Sacaca do Desenvolvimento Sustentável.⁶

Para aplicação da concepção adotada no Projeto Museológico, foi necessário estabelecer uma ampla discussão com toda a equipe do Museu, com o objetivo de definir a missão da instituição, a partir da concepção adotada, tendo sido realizado, em seguida, um diagnóstico da realidade atual, cujos resultados foram o referencial básico para a elaboração do Plano de Ação do Museu para o ano de 2002 e do Projeto Pedagógico, desenvolvido em interação com a rede escolar.

CONCEPÇÃO:

O museu é considerado um espaço privilegiado, onde é possível concretizar as propostas de intercâmbio com as diversas áreas e, ao mesmo tempo, produzir conhecimento a partir dos temas e problemas que são potencializados no desenvolvimento das ações de **pesquisa, preservação e comunicação**, aplicadas em interação com as comunidades locais, ***reconhecendo no patrimônio cultural um instrumento de educação e desenvolvimento social***. Assim, cultura, ciência e tecnologia, em interação, estão, efetivamente, contribuindo para o desenvolvimento sustentável. Reconhece-se, portanto, que as questões relativas à democratização do conhecimento e ao papel social do museu estão intrinsecamente relacionadas com as nossas atitudes diante do mundo, como pesquisadores e educadores, compreendendo a história como **possibilidade** e não como determinação.

Tendo como meta principal a formação do **sujeito ético, autônomo, solidário, crítico e transformador**, foram destacados os referenciais abaixo como fundamentais para o

⁶ Desde o ano de 2000 tenho atuado como consultora para a área da Museologia, no IEPA-Museu Sacaca do Desenvolvimento Sustentável, tendo elaborado, com a participação dos corpos técnico e administrativo, o Projeto Museológico, o Plano de Ação do Museu para o ano de 2002 e o Projeto Pedagógico. Este último contou com a participação dos professores das redes pública e particular de ensino, da cidade de Macapá. Estou atuando, também, na implantação dos núcleos locais propostos no Projeto Museológico.

desenvolvimento das ações museológicas que estão sendo desenvolvidas no Museu, em interação com as escolas e com os diversos segmentos envolvidos:

- análise crítica e interpretação das múltiplas realidades;
- prática da cidadania, com autonomia intelectual e pensamento crítico;
- compreensão dos fundamentos científicos e tecnológicos e dos processos produtivos;
- relacionamento ético com o meio ambiente;
- reconhecimento do valor social do trabalho;
- a valorização do patrimônio e da pluralidade cultural;
reconhecimento do patrimônio cultural como instrumento de educação e de inclusão social;

Buscando-se articular o conhecimento com a vida, identificando os conceitos que passam por todas as áreas do saber, portanto, nucleares, são destacados quatro núcleos básicos, sem, contudo, considerá-los únicos:

Identidade

Tempo

Espaço

Transformação

A justificativa para a escolha dos núcleos acima fundamenta-se no fato de que o ser humano nasce e constrói sua identidade nas relações que estabelece consigo mesmo e com os outros; vive em um determinado tempo histórico, psicológico e sociocultural; convive em um espaço geográfico, social, cultural e político; transforma a sociedade e é transformado por ela.

As ações museológicas estão sendo aplicadas, tendo como elemento central a nossa identidade como sujeitos singulares e múltiplos, cidadãos amapaenses, brasileiros, sul-americanos, cidadãos do mundo. Estão sendo abertas possibilidades de leituras múltiplas do mundo, de tal forma que o conhecimento faça parte de nossas vidas, de nossa cultura, de nossa identidade e que não seja somente o conhecimento legitimado por outros grupos. Nesse sentido, a partir dos núcleos temáticos sugeridos anteriormente, os projetos estão sendo desenvolvidos com a participação dos professores, dos alunos e dos grupos comunitários, com o objetivo de produzir conhecimento baseado nas múltiplas realidades, **qualificadas como patrimônio cultural**, e integrando as diversas áreas do conhecimento.

- **Acervo e Temas das Exposições:**

A Exposição a Céu Aberto está apresentada em uma área de 20 mil metros quadrados onde o visitante pode observar diversos aspectos naturais da região, caminhando por trilhas ecológicas formadas por pedra, água, madeira e areia. Além disso, as exposições são contextualizadas por meio de equipamentos com programas multimídia que estão

disponíveis nos diversos espaços expositivos, destacando os aspectos sociais, culturais, econômicos, políticos e religiosos dos diversos grupos que estão representados no Museu.

No momento, o Museu apresenta os seguintes temas e acervos nas exposições:

- Casa do Castanheiro;
- Casa do Caboclo Ribeirinho;
- Casa das Representações Indígenas (Palikú e Waiãpi);
- Casa de Farinha;
- Monumento ao Marabaixo (dança tradicional da cultura negra do Estado do Amapá);
- Sítio Arqueológico Maracá;
- Praça do Sacaca;
- Exposição Farmácia Viva – Fitoterapia;
- Praça das Etnias;
- Piscinas – plantas aquáticas, peixes regionais;
- Exposição do Regatão (embarcação típica da região usada como comércio ambulante);
- Projeto Navegar (inserção das comunidades ribeirinhas no mundo digital);
- Orquidário;
- Estufa;
- Exposição de Plantas da Região;
- Espaço para Exposições das Coleções e Projetos de Pesquisa do IEPA;
- Planetário Móvel (etnoastronomia).

Os Espaços de Serviços e Atendimento ao Usuário são os seguintes:

- Auditório para 280 lugares;
 - Sala para Oficinas;
 - Casa de Leitura;
 - Maloca Multiuso;
 - Praça do Pequeno Empreendedor Popular (espaço para a venda de artesanato, souvenirs do Museu, comidas típicas da região e apresentação da produção artística local).
- **Missão:**

Durante a elaboração do Plano de Ação para o ano de 2002, foi definida a seguinte missão para o Museu:

“Promover a apropriação e a reapropriação do patrimônio cultural, aplicando as ações museológicas de **pesquisa, preservação e comunicação**, em interação com a comunidade amapaense, atuando como um referencial para o processo educativo e para o desenvolvimento sustentável.”

- **Organização:**

Atualmente, o Museu está funcionando como um Centro de Pesquisa Museológica, do Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá – IEPA, com a seguinte organização técnica e administrativa:

Coordenação

Unidade de Apoio Administrativo

Divisão de Pesquisa e Acervo

Unidade de Documentação e Conservação

Unidade de Acervo Zoobotânico

Divisão de Ação Cultural e Educativa

Unidade de Museu-Escola

Unidade de Ação Comunitária

Divisão de Exposição e Programação Visual

Unidade de Divulgação e Eventos

- **Abrangência:**

O Museu Sacaca do Desenvolvimento Sustentável está atuando de forma abrangente, na Cidade de Macapá, realizando projetos em interação com a rede de ensino, nos diversos níveis, bem como com instituições museais, com demais instituições da área da Cultura, e com outras instituições locais. A proposta é que o Museu estenda a sua atuação para além dos limites da Cidade de Macapá, aplicando as ações museológicas em interação com comunidades localizadas nos municípios das várias regiões do Estado e mantendo um intercâmbio efetivo com os demais Estados do Brasil e com outros países. Com essa abrangência, pretende-se que seja realizada uma troca efetiva, no sentido de se produzir conhecimento, em interação, e, ao mesmo tempo, serem realizadas ações a fim de divulgar o Museu e os seus projetos.

Consideramos que a Exposição a Céu Aberto, a partir da concepção adotada, nos aponta os caminhos do respeito à diferença e à pluralidade, da construção de uma Museologia que está aberta às múltiplas realidades. Com certeza, a operacionalização das propostas apresentadas no Projeto Museológico traduzir-se-á em importantes contribuições para a área da Museologia, pois se trata de um projeto pioneiro, voltado para as características locais, construído com a participação dos cidadãos-beneficiários, o que ainda é raro em nosso País.

Consideramos que o Estado do Amapá está inovando, ao desenvolver uma política voltada para o desenvolvimento sustentável, apoiada no patrimônio cultural dos seus cidadãos.

DE ITAPUÃ A MACAPÁ: a busca de novos horizontes

A ação-reflexão, realizada nos dois estudos de caso apresentados tornou possível, para mim, destacar alguns aspectos teórico-metodológicos no campo da Museologia, que acredito possam alimentar a aplicação de outros processos museais, e que, também, podem ser consideradas como possibilidades para a atuação dos museus, ressaltando, entretanto, a necessidade da devida redução social, ao serem aplicados nos diferentes contextos. Assim, tentarei fazer um exercício de reflexão, destacando os seguintes aspectos:

- *Ampliação do conceito de patrimônio e aplicação do processo museológico a partir da relação: homem-patrimônio cultural.* O referencial básico para o desenvolvimento das ações museológicas, em ambos os estudos de caso, foi o patrimônio cultural – em Itapuã, a partir da própria dinâmica da vida, no bairro e na escola. No Museu Sacaca, o patrimônio cultural começa a ser musealizado a partir de temas e problemas, apresentados em exposições temáticas, resultado do trabalho dos técnicos e pesquisadores. O olhar museológico sobre essas diversas realidades permitiu qualificá-las como patrimônio cultural. Esse olhar museológico não está centrado somente na coleção, nos objetos, no vínculo com o passado. Este aspecto fica mais evidente no processo desenvolvido em Itapuã, que buscou, a partir da interação do técnico com os sujeitos sociais, na Escola e no bairro, musealizar recortes da realidade do presente, o que não significa a ausência da reflexão sobre o passado e sua influência sobre a vida atual, sobre o patrimônio cultural do presente. A escolha de recortes da realidade atual tem incentivado, também, a pesquisa e a identificação de acervos do passado, bem como a produção de conhecimento embasada na relação passado-presente, gerando, também, bancos de dados que, além de alimentar a aplicação das ações museológicas, são motivadores para a concretização de novas pesquisas.

Percebe-se, portanto, um deslocamento da coleção e do critério de antiguidade, como justificativa para a existência do museu, bem como a ampliação dos bens culturais a serem preservados a partir do significado cultural atribuído pelos atores sociais.

- *A concepção de Museologia adotada e enriquecida no processo é que alimentou a aplicação das ações museológicas, nos dois estudos de caso.* Vale a pena registrar que não é a categoria de museu que define a concepção de Museologia, isto fica evidente, sobretudo, no trabalho desenvolvido no Museu Sacaca. Este é um museu que tem um espaço de ambientações, um espaço com exposições permanentes de objetos, um espaço com exposições de projetos que são desenvolvidos no IEPA, onde se aplica uma concepção de museologia participativa, uma concepção de museologia que trabalha com o homem, o meio ambiente, o artefato, o saber, o saber fazer, articulando cultura, ciência e tecnologia, em um espaço que, olhado superficialmente, poderia ser considerado como um museu “tradicional”. É a nossa ação, embasada na concepção de Museologia adotada, que alimenta as ações museológicas que estão sendo aplicadas, em processo. Esta concepção adotada, discutida e absorvida por todos os componentes do

Museu na elaboração do projeto museológico, é o referencial básico para a fundamentação do Plano de Ação do Museu e das unidades da instituição que atuam de forma articulada, definindo objetivos e metas, em conjunto. A concepção de museologia adotada, portanto, é que influencia o modelo de gestão, cujos objetivos e metas são definidos a partir da argumentação estabelecida entre os técnicos e os diversos segmentos envolvidos no processo de musealização, tanto em Itapuã como no Sacaca. Portanto, a aplicação das ações museológicas deve estar embasada na teoria e na relação necessária entre a teoria e a prática, possibilitando que ambas sejam fortalecidas e enriquecidas.

- *Articulação constante entre os saberes científico e popular, diálogo entre as linguagens erudita e popular.* Reconhecimento da existência de uma fértil teia de relações, e da nossa disposição para ampliá-la, de forma integrada e cooperativa. Foi necessário quebrar os preconceitos que muitas vezes são a sustentação para os argumentos de autoridade, no sentido de privilegiar determinadas áreas do conhecimento, em detrimento de outras, buscando uma constante articulação entre os desenvolvimentos tecnológico e científicos, tendo como referencial o patrimônio cultural. A experiência do IEPA e do Museu Sacaca é marcante, quando se considera o conhecimento acumulado pelas comunidades tradicionais do Estado do Amapá, revitalizando a prática da terapia popular, acrescentando os conhecimentos proporcionados pela pesquisa científica como forma de fortalecer os traços culturais da região. O encontro do saber popular com o acadêmico tem como objetivo a construção de um conhecimento adequado à solução dos problemas do homem amapaense.
- *Criação de novas categorias de museus e aplicação de diferentes processos museais.* As ações museológicas aplicadas, integradas entre si, aos objetivos dos diferentes projetos e às características dos diversos grupos sociais, tem incentivado a criação de novos museus e a aplicação de processos museológicos, em diferentes contextos, fazendo-nos compreender a ação museal como um ato criador e interativo, que incentiva o uso e a interpretação do patrimônio, contribuindo para que os sujeitos sociais possam se responsabilizar pelo seu patrimônio cultural. É interessante registrar que a proposta de abrangência do Museu Sacaca, contida no projeto museológico, cujas ações, com o objetivo de motivar as comunidades para a implantação dos núcleos de memória local, foram iniciadas com a realização de um seminário em Macapá, já começa a dar frutos, visto que a comunidade do Bailique, arquipélago situado entre os estados do Pará e do Amapá, próximo à foz do rio Amazonas, já deu os primeiros passos para a criação do museu local e outras comunidades do interior já manifestaram o desejo de realizar intercâmbio com o Museu Sacaca, com o objetivo de aplicar ações museológicas em contextos diferenciados. Por outro lado, percebe-se que pessoas que atuaram no projeto de Itapuã estão, hoje, aplicando a ação museal em outros contextos, incentivando a criação de novos processos museológicos.
- *Revisão dos métodos que seriam utilizados na aplicação das ações de pesquisa, preservação e comunicação.* A ação comunicativa dos técnicos e dos grupos sociais, objetivando o entendimento, a transformação e a inclusão social, por meio da apropriação e da reapropriação do patrimônio cultural, exige uma abertura para o mundo, no sentido de transformar a extensão em ação, acreditando que é possível construir conhecimento na troca, na relação entre o ensino formal e o não-formal, no

respeito à experiência e à criatividade dos muitos sujeitos sociais que estão fora dos museus e das academias que podem nos indicar caminhos e soluções muitas vezes por nós despercebidos, os quais, também, serão enriquecidos a partir das nossas reflexões e do conhecimento por nós produzido. A interação do técnico com os atores sociais que estavam envolvidos nos diversos projetos tornou necessária a revisão da metodologia utilizada, pois esta não estava embasada, somente, na competência formal do técnico, como também, em seu compromisso ético e social.

- *Socialização da função de preservação.* Nos dois processos apresentados buscou-se a formação de atitudes preservacionistas, realizando uma ação interativa entre os técnicos e os atores sociais, no sentido de compreender os objetivos da preservação no fazer cotidiano das pessoas. É necessário registrar que, também, foram aplicados procedimentos técnicos em acervos, motivando a formação de conservadores na própria população, considerando as suas aptidões e atitudes. Nesses processos museais, as reservas técnicas poderão ser instaladas seguindo os procedimentos técnicos adequados a cada acervo e as características das diversas regiões, buscando, inclusive, soluções alternativas e criativas, como foi o caso de Itapuã, como também os acervos poderão permanecer em seus locais de origem, imersos na dinâmica da vida dos diversos atores sociais que os qualificarão como patrimônio cultural. O trabalho de conservação realizado com alunos do Colégio Lomanto Júnior, que, com a orientação dos técnicos, restauraram documentos relacionados à suas histórias de vida, como fotos, suas e dos familiares, certidões de nascimento, atestados de batismo, etc., pode ser citado como um exemplo de formação de atitudes preservacionistas, de acervos preservados, no cotidiano das pessoas. Ressalto, entretanto, que o mais importante, nesse processo de preservação, é a mudança de atitude, em relação a si mesmo e ao mundo, contribuindo, por meio da ação museal, para gerar um processo de preservação do patrimônio global, visando ao desenvolvimento humano sustentável.
- *A musealização como projeto.* A musealização da dinâmica da vida é um processo, ou seja, “ação reflexiva que tem como objetivo alcançar o conhecimento de algo, seqüência de estados de um sistema que se transforma”⁷. Nesse sentido, o processo museológico deve ser compreendido como projeto, que é construído de forma aberta, buscando atingir a missão de formar cidadãos capazes de se inserir no mundo, como sujeitos históricos, éticos, capazes de optar, de decidir e de romper, como ficou registrado na introdução do presente trabalho. Portanto, considero que os resultados alcançados nos dois projetos apresentados não podem ser medidos pelo parâmetro da simples permanência de um acervo colocado em determinado espaço físico, porque o mais relevante é a transformação ocorrida em cada indivíduo, a mudança de atitude, dos muitos sujeitos sociais que estiveram ou estão envolvidos no fazer museal. Ou seja, o olhar museológico é, aqui, considerado como um instrumento de ação-reflexão, que contribui para a construção e reconstrução do mundo. E, se admitirmos que o museu é construção, reconstrução, permanência e ausência, compreenderemos, com mais tolerância e respeito, a possibilidade de um museu deixar de existir, caso as pessoas que lhe dão sentido assim o desejarem, porque, sem os atores sociais o museu não é nada, não significa nada;

⁷ Japiassú, Hilton. Dicionário de filosofia/Hilton Japiassú, Danilo Marcondes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

- *Articulação entre diferentes categorias de museus.* A musealização de temas e problemas a partir da dinâmica da vida tem incentivado a criação de uma rede de interação entre museus, por meio da qual são desenvolvidos projetos, realizando uma ação transdisciplinar, que vai além das organizações internas de cada disciplina, buscando os elos indispensáveis à compreensão do mundo, na sua integridade, trabalhando categorias diferentes de acervos, buscando-se, também, a relação passado-presente. Destaco, em especial, o trabalho de Itapuã, onde vários projetos foram realizados utilizando as exposições de outros museus da Cidade do Salvador, bem como o material disponível na rede de comunicação por computadores, textos, vídeos e slides relacionados a acervos e projetos desenvolvidos em outros museus. Essa postura demonstra que é possível trabalhar com categorias diferentes de museus, sem preconceito, realizando uma troca salutar, o enriquecimento com a experiência do outro, o incentivo à criatividade e à abertura de novos caminhos, sem desprezar o conhecimento historicamente já construído.
- *A museologia e a sua prática submetidas à reflexão.* A constante ação-reflexão, com a problematização de temas, por meio da observação, análise e interpretação dos acervos, institucional e operacional, permitiu questionar, também, o sentido da ciência, contribuindo para que a própria museologia fosse discutida, uma vez que os museus devem ser considerados como “locus” para a produção do conhecimento.

A reflexão sobre a aplicação da ação museológica indica que é necessária a adoção de algumas estratégias, no sentido de operacionalizá-las, buscando alcançar os novos horizontes, aqui compreendidos como possibilidades de ação-reflexão, no interior do museu ou fora dele. Destaco, então os seguintes aspectos:

- Revisão do perfil do museólogo;
- Revisão dos currículos dos Cursos de Museologia, promovendo a formação de profissionais que sejam capazes de potencializar as instituições museológicas como agentes de desenvolvimento regional;
- Interação entre os cursos de Museologia, Museus e Sociedade;
- Reciclagem e capacitação do pessoal que atua nos museus;
- Revisão dos modelos de gestão adotados pelos museus;
- Adoção de políticas públicas de cultura, nas esferas Municipal, Estadual e Federal, com o objetivo de gerar um processo de preservação do patrimônio global, visando ao desenvolvimento humano sustentável;
- Adoção de uma política museológica, pelos Ministérios da Cultura e da Educação, que tenha como referencial a construção do conhecimento na área da Museologia, e que leve em consideração a experiência acumulada, ao longo dos anos, pelos técnicos que atuam nas instituições museológicas, bem como os anseios dos cidadãos-beneficiários, incentivando e apoiando projetos de autogestão dos museus;

- Desenvolvimento e aplicação de tecnologias, na área da Museologia, observando-se as necessidades regionais.

Considerações Finais

Os caminhos percorridos lado a lado, com tantos atores participantes, foram, para mim, de uma riqueza imensa. As circunstâncias apresentadas, em cada contexto – em Itapuã a ausência, quase que absoluta, de recursos materiais, espaço físico e falta de vontade política - não foram capazes de inibir a motivação e a garra da equipe que foi se formando, gradualmente, absorvendo e enriquecendo a concepção inicial adotada, processo este facilitado pela presença de técnicos e estagiários da área da Museologia, e pela postura crítica do grupo, buscando apreender a razão de ser das muitas dificuldades encontradas, buscando melhorar as condições objetivas, através da atuação dos componentes do Núcleo Básico do Museu. Em Macapá, encontro todas as condições materiais necessárias ao desempenho das atividades e vontade política, mas encontro, também, uma grande carência de informação sobre a área da Museologia. Entretanto, o reconhecimento dessa carência motiva a Coordenação do Museu para saná-la com a contratação de uma consultora e de uma técnica museóloga. A vontade política, somada à motivação para adquirir informação sobre museus e Museologia, torna possível a realização do que talvez eu possa denominar de “mutirão museológico”, tal é o esforço, demonstrado na realização de cursos de capacitação e de aquisição de material bibliográfico.

Não posso deixar de registrar, entretanto, o trabalho árduo e muitas vezes cansativo, realizado com a equipe do Museu Sacaca, com o objetivo de discutir e aprofundar a proposta teórico-metodológica constante do Projeto Museológico, bem como o diagnóstico da instituição, realizado com a participação dos componentes de todas as unidades. O trabalho participativo exige paciência, compreensão dos diferentes ritmos e do grau de motivação de cada um. Por outro lado, o cansaço é superado pela riqueza da troca, proporcionada pelo processo de argumentação e pela apresentação das soluções e dificuldades enfrentadas, que foram vivenciadas no cotidiano, o que, a todo momento, me motivou para lançar diferentes olhares sobre a Museologia.

Quero ressaltar que os processos museais aqui apresentados não devem ser compreendidos como soluções ideais. Eles não podem ser compreendidos sem a devida aproximação de uma visão real da sociedade como uma construção histórica trespassada por conflitos, antagonismos e lutas, em que a questão do poder está sempre presente, exigindo ser equacionada e socializada. Vencer os altos e baixos ocasionados pelas mudanças políticas que não respeitam os processos em andamento e as conquistas já alcançadas, por exemplo, é um dos grandes desafios.

Esta minha vivência me faz compreender que a Museologia, mais do que nunca, deve ser aplicada a partir do respeito à pluralidade e à diversidade cultural, e, conseqüentemente, às diversas categorias de museus e aos diversos processos museais. Acho que já posso sonhar em ver apresentados nos grandes museus do nosso país, **sem preconceito**, recortes diversos

da dinâmica da vida, qualificados como patrimônio cultural e musealizados a partir da interação entre os técnicos e os vários atores sociais, cidadãos anônimos, excluídos dos programas e dos projetos desenvolvidos na maioria das instituições museais brasileiras. Por outro lado, gostaria de ver, também, expostos em museus comunitários, escolares, regionais, de bairro, etc., recortes da nossa História, da arte, da antropologia, da etnografia, da ciência e da tecnologia que estão presentes nos museus dos grandes centros urbanos. A análise da aplicação das ações museológicas nos dois estudos de caso aqui apresentados indica que, com esse intercâmbio, cresceremos muito na construção do conhecimento na Museologia e estaremos contribuindo, efetivamente, para a construção de uma sociedade mais justa e solidária e para que os museus possam atuar como instrumento de inclusão social. Será esse um novo horizonte a ser alcançado? **O desafio está lançado.**

Encerro a minha reflexão apresentando dois conceitos de museu, emitidos por parteiras do Estado do Amapá, participantes do seminário para implantação dos Núcleos de Memória Local, realizado em Macapá, no mês de agosto próximo passado. Mulheres guerreiras que nunca haviam parado para refletir sobre o seu rico patrimônio cultural e sobre a instituição museu. Em seguida, incluo, também, um poema elaborado por um técnico do Museu Sacaca, após a apresentação de um canto, pelo índio Paxinã, durante o mesmo seminário. Registro-os, com a alegria e a emoção de quem está convivendo com pessoas sábias e capazes de me fazer acreditar, cada vez mais, no sonho e na utopia:

“Museu, coleção de pedaços da vida que a memória da gente guarda, no tempo e no espaço.”

(Dona Eliza – parteira do Amapá, 60 anos)

“O museu é um espaço de vida, lembrança, presente, passado e futuro.”

(Dona Josefa – parteira do Amapá, 58 anos).

Paxinã

As idéias diversas encontram-se; as múltiplas faces de um mundo aparentemente conhecido que os “entraves de meus olhos” não quiseram ver nas mudanças da vida .

A dança do saber observar o “outro olhar”, que à distância também não tem de mim notícias: práticas diferentes intergrupais... necessidade urgente de aproximar esses “tesouros” de seus construtores.

A humanidade agradecerá com essa vontade desmedida de aproximar a produção cultural de um Estado em um espaço comum, formando um musical de múltiplas diferenças.

O canto do Paxinã é minha alma e renasce a cada vez que sou lançado a desafios como esse ... recolher pedaços da vida e costurá-los com lágrimas, alegria e satisfação.

Rinaldo Barbosa Sanches

(Coordenador da Unidade de Ação Comunitária do Museu Sacaca.)

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Núbia Soraya Cardoso. *A Trajetória Histórica do Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá – IEPA* (Monografia apresentada Fundação Universidade Federal do Amapá), Macapá, 2000.

Chagas, Mário. Cultura, Patrimônio e Memória. Ciências e Letras – n.27 (jan/jun 2000). Revista da Faculdade Porto-Alegrense de Educação n.31 (jan/jun 2002)

Chagas, Mário/Myrian Sepúlveda dos Santos. Museu e Políticas de Memória. Lisboa, ISMAG/UHLT, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Centro de Estudos de Sócio-Museologia. 2002

CASTELLS, Manuel. *O Poder da Identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999. (A era da informação: economia, sociedade e cultura ; v.2)

Bruno, Maria Cristina. A Museologia como Pedagogia para o Patrimônio. Ciências e Letras – n.27 (jan/jun 2000). Revista da Faculdade Porto-Alegrense de Educação n.31 (jan/jun 2002)

Ciência e Tecnologia para o Desenvolvimento Sustentável: a experiência do IEPA (1995 a 1998)/ Augusto oliveira, Natali Nishi, organizadores. – Macapá: IEPA, 2001.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros ensaios*. UNESP, 2000, p.75

_____. *Ética, Utopia e Educação/ Danilo R. Streck (organizador)*. Petrópolis: Vozes, 1999, p.23

GONZALEZ, Julia Cordova. *Interpretación del Patrimonio Cultural*. Santiago de Chile: Impresos Universitaria S.A., 1997.

Bases do desenvolvimento sustentável. Coletânea de textos. Macapá: Governo do Estado do Amapá, 1999.

Museu Sacaca Desenvolvimento Sustentável: Um Museu Novo com Idéias Novas. (Documento elaborado pela equipe do (Museu). Macapá, 2000.

____. Projeto Museológico. Macapá, 2000.

____. Plano de Ação para 2002

____. Projeto Pedagógico.

____. *Processo Museológico e Educação: Construindo um Museu Didático-Comunitário*. Lisboa, ISMAG/UHLT, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Centro de Estudos de Sócio-Museologia. 1996.

____. *Reflexões Museológicas: caminhos de vida*. Lisboa: ISMAG/UHLT, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Centro de Estudos de Sócio-Museologia, 2002

____. *Processo Museológico: critérios de exclusão*. Anais da II Semana dos Museus da Universidade de São Paulo. São Paulo: USP (Pró-Reitoria de Extensão Universitária), 1999.

____. *Estratégias Museais e Patrimônias Contribuindo para a Qualidade de Vida dos Cidadãos: diversas Formas de Musealização*. Ciências e Letras – n.27 (jan/jun 2000). Revista da Faculdade Porto-Alegrense de Educação.

____. _____. Uma Abordagem Museológica do Contexto Urbano. Cadernos de Museologia (5) Lisboa: Centro de Estudos de Sócio-Museologia. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, 1996.

____. Museu e educação: conceitos e métodos. Ciências e Letras – n.27 (jan/jun 2000). Revista da Faculdade Porto-Alegrense de Educação n.31 (jan/jun 2002)

TENÓRIO, Guilherme Fernando. (Org.) *Elaboração de Projetos Comunitários*. São Paulo: Edições Loyola, 1995.

____. *Administração de Projetos Comunitários*. (Org.) São Paulo: Edições Loyola, 1995.

Varine, Hugues. Patrimônio e Educação Popular. Ciências e Letras – n.27 (jan/jun 2000). Revista da Faculdade Porto-Alegrense de Educação n.31 (jan/jun 2002)